

A matéria prima das lendas são vícios e virtudes. Tendo na virtude tudo aquilo que foi gerado por Deus e tem a Vossa presença nessa ação, e vício tudo que está ausente em Deus e não encontra ressonância com os sentidos gerados por Deus. Deus só gera sentidos ou qualidades virtuosas (divindades) e os únicos capazes de gerar algum tipo de ausência divina, somos nós os seres. Entenda uma presença Divina ou qualidade divina como por exemplo o amor, o amor é qualidade de Deus gerado por tudo e todos, porém o ódio também é um sentimento, só que gerado pela parte do todo que somos nós. Deus não "criou" o ódio, essa qualidade em Deus inexistente, porém nós os seres humanos e todos os seres, quando em desequilíbrio, geramos esse sentimento onde Deus e nenhuma de suas divindades estão presentes, pois Deus não gerou uma divindade do amor que é em si sua própria qualidade amorosa e irradia amor a tudo e a todos, e gerou outra divindade que é o oposto do amor e irradia ódio à tudo e a todos. Não, não é não!!!

Deus gerou somente qualidades virtuosas, pois é em si a própria virtude, sendo assim o correto é dizermos que Deus sim gerou uma divindade e individualizou-se nessa qualidade do amor e gerou outra divindade que esgota e purifica todos os seres gerados por Deus e que em desequilíbrio passa a gerar o ódio que é uma ausência divina que é gerada por nós quando ausentes de Deus e suas virtudes.

Então Deus gera uma divindade manifestadora da qualidade do amor e que irradia amor o tempo todo e gera outra divindade que ampara a vida reequilibrando tudo e todos que passa a ser nocivo ou atentar contra a vida através do ódio. Então você tem uma qualidade ou divindade de Deus que irradia amor e outra divindade de Deus que reequilibra aqueles que momentaneamente gera ausência do amor e que no caso somos nós.

O bem, a Presença ou a virtude absoluta é um estado permanente em Deus e gerado por Deus o tempo todo através de suas qualidades ou divindades, e o mal, a ausência ou o vício, é um estado transitório gerado por nós nos períodos que nos desequilibramos em nossa evolução. Por isso a divindade de Deus (Orixá) é imanente, perene, eterna e imutável, pois é em si a própria evolução, tanto as divindades ou qualidades positivas e passivas que irradia o tempo todo as virtudes, quanto as divindades ativas e negativas que dão amparo à vida, reequilibrando-nos e lidando com ausências geradas por nós em um momento de desequilíbrio.

As divindades, todas Elas, tanto as do alto, quanto as do embaixo, tanto as da direita, quanto as da esquerda, tanto as da luz, quanto as das trevas, são qualidades e individualizações de Deus que amparam a vida, as do alto, da direita e da luz amparam à vida irradiando as virtudes, e, as do embaixo, da esquerda e das trevas amparam a vida contendo os vícios e reequilibrando os nossos desvirtuamentos gerados contra

Deus e nossos semelhantes num momento de ausência ou desequilíbrio em nossa vida.

Portanto nos somos ambíguos porque somos seres e os seres estão em contínua evolução, Deus e as divindades são os próprios estados evolutivos e sendo assim regem a nossa evolução e não estão sujeitos à ela.

A partir desse ponto de vista, conseguimos revelar e enxergar nas lendas o que está oculto ou por traz da saga de cada Orixá.

Quando lê-se uma lenda que relata características desvirtuadas, vícios, inclinações e pulsões negativas tipicamente geradas por nós os seres distinguido humanos, essas ausências ou vícios, como inveja, traição, ódio, vingança, vaidade, abandono, roubo, etc., Essa lenda está revelando uma qualidade do Orixá que atua como contenedor ou reequilibrador dos sentimentos negativos ou ausentes em Deus que é gerado por nós seres humanos. A lenda que diz que Ogum tendo água para banhar-se prefere banhar-se em sangue, esse arquétipo violento não é de Ogum, mas simboliza que Ogum detém uma qualidade que atua como cerceador e paralisador dos violentos que tendo a paz prefere a guerra, Ogum é o Orixá da guerra, não porque gera ou estimula a guerra ou incita a violência, não! Ogum é o Orixá da guerra, porque põe fim na falta de diálogo promovendo a paz, pois a guerra só acontece pela falta de diálogo e a falta de diálogo não foi gerada por Deus, pois Deus não gera ausências, a falta de diálogo ou intolerância e desrespeito, são sentimentos gerados por nós enquanto estamos momentaneamente em desequilíbrio e ausentes em Deus, e Ogum tem uma qualidade cujo atributo é cercear, paralisar e reequilibrar o ser que gera este tipo de sentimento. Porém nas lendas é descrito o ato de violentar como se esse fosse atributo de Ogum, quando sabemos que Deus e suas divindades não comportam vícios ou ausências e nós por sermos ambíguos, projetamos nossos desequilíbrios para a divindade para podermos justificar nossos atos.

Sendo assim como a matéria prima de toda lenda e de toda evolução humana são os vícios e virtudes, pois todas as lendas tratam disso, temos nas ações virtuosas, tais como: lendas que retratam a lealdade, fraternidade, coragem, companheirismo, perdão união, amor, respeito, caridade, etc., Encontraremos e temos ali presenças ou as virtudes divinas geradas por Deus e propagadas por suas divindades manifestadoras de suas qualidades divinas. Porém quando encontrarmos essas mesmas divindades retratadas nas lendas e envolvidas como ausências divinas ou vícios, tais como: inveja, vingança, traição, morte, violência, infanticídio, parricídio, abandono, etc., Encontraremos ali por de trás daquelas alegorias, as divindades de Deus que lidam com aqueles sentimentos, não para estimula-lo em nós e sim para esgota-los em nós, e

assim reequilibrar-nos e reequilibrando-nos, recolocar-nos novamente na presença de Deus.

Por isso a lenda africana nagô de Ogum Mege , descreve essa qualidade de Ogum, a qualidade "Mege" como um terrível guerreiro que brigava sem cessar contra os reinos vizinhos. E nessas guerras, acumulava-se espólios (conjunto de coisas que são tomadas ou roubada do inimigo numa guerra) e quando não saudado e não reverenciado ou oferendado, Ogum, cuja paciência é curta, encoleriza-se cortando a cabeça de todos que não o reverenciou. Sabemos que é impossível conceber a uma divindade de Deus que é o nosso amado pai Ogum Mege atitudes negativas tendo como adjetivos atos que representa a Vaidade extrema, a falta de controle, a violência, o roubo, etc., Sabemos que nossos sábios ancestrais africanos o descreviam assim, pois essa era forma milenar de todas as religiões propagar o poder de uma divindade e assim expandir seu culto religioso. Porém hoje aprendemos que as lendas que descrevem algo negativo em um Orixá, não quer dizer que a divindade gera e estimula esses sentimentos nos seres e sim que os esgota e paralisa para que não atue de forma negativa contra o meio e os seres que evoluem nesse meio. Se nessa lenda de Ogum Mege o descreve como violento, vaidoso, tirano, déspota, nepotista, cruel, assassino, etc., Quer dizer que a qualidade de Ogum que nomeamos "Mege" atua paralisando, cerceando e reequilibrando todos que gera esses sentimentos ou vícios que não encontram fundamentos no Pai Maior. Então essa qualidade "Mege" não é violento e nem cruel, e sim lida com a nossa, crueldade, violência e tirânia. E quando uma lenda de Ogum relata a fidelidade e proteção dos mais fracos, ali descreve uma qualidade ou virtude de Deus que se manifesta através de Ogum e se irradia à tudo e à todos amparando a vida, tendo o diálogo como princípio ético da convivência, e quando agimos assim, somos uma extensão da bondade e misericórdia da divindade Ogum na vida do nosso semelhante. E aí somos chamados de filhos da "presença" de Ogum e quando agimos contrário a Lei e as virtudes divinas, somos classificados como filhos "ausentes" de Ogum e assim somos vigiados, atuados e envolvidos pelas vibrações de Ogum cuja qualidade e o atributo é cercear, paralisar e reequilibrar seu filho para que deixe de vibrar sentimentos negativos e novamente em equilíbrio possa receber a presença virtuosa de Deus através de seu pai Ogum.

Há uma lenda de Ogum e de Nanã que descreve um antagonismo entre esses dois Orixás. Nessa lenda conta-se que Ogum em uma de suas empreitadas viu-se diante de um pântano (campo e território de Nanã) e era por ali que deveria seguir seu caminho, Ogum sem titubear avançou com toda sua rapidez e agilidade característica, porém quando ia atravessá-lo deparou-se com a voz firme e rouca de Nanã dizendo que para entrar em seus domínios deve primeiro pedir licença. E desrespeitoso, Ogum

retrucando diz: Ogum não pede nada, Ogum chega e toma, Ogum chega e conquista, Ogum chega e invade, e não será uma velha que irá me impedir.

Nanã calmamente lhe roga uma praga dizendo: irá se arrepender caso dê mais um passo.

E Ogum retruca: saia da minha frente antes que eu lhe corte sua cabeça!

Após dizer isso, Ogum avança pelo pântano, atirando lanças com pontas de metal contra Nanã. Ela senhora da magia e do tempo que corroe e aniquila tudo inclusive o ferro de Ogum, com as mãos vazias, cerrou os olhos e determinou ao pântano que tragasse o imprudente e impetuoso guerreiro.

E Aos poucos, Ogum foi sendo tragado pela lama do pântano, tendo que lutar bravamente para salvar sua própria pele, debatendo-se e tentando voltar atrás. Ogum lutou muito, observado por Nanã, até que conseguiu salvar sua vida, livrando-se das águas pantanosas e daquela lama que quase o devorava.

Assustado Ogum retornou, porém sentenciou:

- Velha feiticeira! Quase me matou! Não atravessarei suas terras, mas vou encher este de pântano de aço pontudo, para que corte sua carne!

Nanã, impassível e calma, voltou a observar:

- Tu és poderoso, jovem e impetuoso, mas precisa aprender a respeitar as coisas. Por minhas terras não passarás, garanto!

E Ogum teve que achar outro caminho, longe das terras de Nanã. Esta, por sua vez, aboliu o uso de metais em suas terras. E, até hoje, nada por ser feito com laminas de metal para Nanã.

Essa lenda nos revela que a matéria prima e o "recheio" que a compõe são os sentimentos ausentes em Deus cuja as ausências são: desrespeito, falta de hierarquia, invasão de campo alheio, soberba, violência, tirânia, pragas, maldições, magias negativas com os elementos, etc., Nessa alegoria de duas divindades quer dizer tão somente e novamente que Ogum por ser a ordem, tanto à irradia tendo como procedimento Virtuoso e correto o respeito, o respeito à hierarquia do mais novo para o mais velho ou do respeito do neófito para com o ancião, a ordem nos procedimentos para entrar e sair do campo de um Orixá, pois todo campo natural ou espiritual tem

dono e tem procedimentos verbais e de locomoção para entrar e sair. Sendo Ogum regente desses procedimentos que amparam a vida e a melhor forma de conviver eticamente, Ogum é isso e o contrário a isso significa ausência de Ogum e toda a ausência de Ogum é esgotada por uma qualidade de Ogum que atua como paralisador dessa ação. Em Nanã relata a maldição, um dos campos magísticos que é esgotada e anulada pela qualidade de Nanã que lida com as pragas e maldições que em desequilíbrio e ausentes de Deus, nós seres ambíguos (ora Virtuosos e ora desvirtuados) desejamos aos outros. Nanã só abençoa e quem amaldiçoa está ausente de Nanã e Nanã não gera maldições e sim bênçãos, e quando amaldiçoamos alguém, em verdade estamos nos amaldiçoando e nos ausentando em Deus e nos afastando Dele, o Divino Criador.

Essa lenda está nos revelando que Ogum não é violento, mas paralisa os violentos e Nanã Buroque não amaldiçoa ninguém, mas abençoa a todos corrigindo sua afoiteza e desrespeito.

Por trás dessa lenda que antagoniza Nanã Buroque e Ogum, esta oculto duas qualidades energética que se antagoniza, pois Nanã gera uma qualidade ligada a ancestralidade que gera um fator ou princípio divino que representa a função ou o fator cadenciador, com um começo, meio e fim, e é por isso que Ela enquanto estado divino representa as Eras, pois Ela é a senhora das Eras onde tudo acontece e nessa era tem um inicio, um meio e um fim, e também é por isso que Oxumarê e Omulu são seus filhos pois, Oxumarê é a renovação e o renascimento e Omolu o fim de algo ou a finalidade de algo que quando atinge seu fim tem um novo recomeço. Por isso Nanã é sincretizada com a deusa grega tríplice Hécate, que é em si mesmo a filha, a mãe e a avó, ou seja é o nascimento, o crescimento, a multiplicação, o amadurecimento, o envelhecimento e a morte, ou seja, é uma era onde tudo isso acontece, uma de suas filhas ou filho é o Tempo, pois o tempo só começa a contar quando se inicia uma Era. Sendo assim um dos muitos princípios e qualidades de Nanã é o princípio energético cadenciador, que se antagoniza com outro princípio energético de Ogum que é o acelerador, e onde um está o outro se anula, são opostos complementares, ou opostos que se complementam, pois ora aceleramos algo que está moroso ou quase se paralisando e ora acalmamos e desaceleramos algo que está se antecipando e se excedendo de mais.

Essa é uma das peculiaridades dessa lenda da "quizila" de Nanã e Ogum.

Vamos a outra lenda de Ogum e Obá que relata de forma alegórica que: (Obá era uma excelente lutadora e guerreira, e havia desafiado e lutado com todos os Orixás, restando apenas Ogum, que precavido consultou Orumila o advinho que através de ifá, revelou-lhe uma oferenda com óleo de palma que chamando Obá para lutar no seu campo de atuação que é os caminhos, quando a luta se arrastava, ele jogou no chão o líquido viscoso da oferenda que compunha, milho, quiabo e óleo de palma, e Obá escorregou e ao escorregar, Ogum a possuiu e tornou-se seu senhor).

Reflitamos: A sabedoria quando "escorrega" ou "titubeia" ela é possuída pela Lei Divina e executada, pois ao tornar-se soberbo, por ser detentor de um talento e por esse conhecimento adquirido querer tirar vantagem pessoal dos seus iguais e irmãos perante Deus, somos punidos pela Lei que nos pune possuindo, esgotando e anulando o motivo da nossa queda, que foi a vaidade por possuir um talento, que no caso da lenda foi o talento da estratégia de luta e quando o conhecimento tenta se impor através da violência (luta) a Lei (Ogum) a pune, levando a queda (óleo de palma) e possuindo o que Ela Obá havia perdido, que era sua razão e consciência que o conhecimento nunca deve se impor violentamente (batalha), e sim sabiamente como só a razão e a Sabedoria verga e subjuga o mais tirano de todos, pois o tirano obtém o poder pela força, e a razão é forte justamente porque seu poder não advém da força.

A alegoria dessa lenda de Obá e Ogum, entre outras coisas, quer dizer isso: O possuir aqui de uma forma mais elevada quer dizer absorver e subjugar aquele que foi dominado por princípios negativos, tal como a soberba, a Vaidade em achar-se superior, por trazer talentos e atributos que não são únicos na criação divina, já que Deus possui todas as qualidades, atributos e atribuições, e mesmo possuindo todas as qualidades em si, as dividiu em suas divindades para que em harmonia governassem todos os meios e faixas vibratórias e amparassem todos os seres em evolução que vivem e evoluem nessas faixas vibratórias, planos e realidade de Deus. É interessante que toda lenda de Obá a relata como alguém facilmente enganada e fácil de "tapiar" desde a lenda de Oxum e Obá na qual Oxum sendo uma das esposas de Xangô revela a ela que Xangô a tem como sua esposa preferida porque no amala ou comida de Xangô ela Oxum cortou sua orelha e colocou na comida de Xangô e ele adorou, por esse motivo que ando com as orelhas cobertas pelo turbante que uso disse Oxum à Obá, que prontamente cortou a orelha e ofereceu a Xangô. Novamente dizemos aqui que a lenda revela que a sagrada Mãe Orixá Obá que é em si mesma a qualidade divina da razão e da concentração de conhecimento e Sabedoria, não é facilmente enganada e desprovida de sabedoria, conhecimento e razão, e sim

lida com os que são dispersos e não se concentra em nada, que se ilude e se enganam facilmente, ou quer tirar vantagens através de algum atributo que possui se achando melhor que os outros.

A lenda da Sagrada Mãe Obá descrita nas alegorias africana só descrevem ausências ou vícios que Ela a sagrada Mãe não os possui, porém atua através de uma de suas qualidades esgotadoras como cerceadora e reequilibradora daqueles que dão mau uso ao conhecimento.

As lendas são isso: revela a atuação do Orixá, e quando são descrita de forma positiva, revela o amparo de Deus através de suas qualidades virtuosas.

E quando são descritas de forma negativa ou viciada, revela a ausência divina em nós que Ela a divindade deverá nos esgotar, nos paralisando e esgotando energicamente até que em equilíbrio não sejamos mais nocivos ao nosso meio.

Que fique entendido que quem gera vícios e se ausenta momentaneamente em Deus somos nós seres, que qualquer divindade de qualquer panteão, seja Ele grego, egípcio, mulçumano, hinduísta, persa, africano, etc., Não gera ausências em Deus, pois Elas as divindades são presenças divinas e virtuosas em nós, e são mistérios de Deus que amparam o meio da vida e a evolução dos seres que vivem nesse meio, nós humanos incluídos na classe de seres.

Nós os seres humanos entre outros, somos ambíguos e ora estamos Virtuosos e ora estamos desvirtuados, porém sempre evoluindo e procurando um estado de espírito mais elevado e estável no qual deixamos de ser um caminhante da luz e nos tornaremos um caminho luminoso onde muitos possam encontrar Deus. Sabemos que isso é demorado e não temos pressa, desde que saibamos que nós somos seres em evolução e nessa trajetória evolutiva, passíveis de erro e de acertos e nunca, nunca e nunca! Deus e as divindades erram ou se viciam, pois elas são em si mesmas os próprios estágios evolutivos pelo qual caminhamos e evoluímos.

Saravá todo os Orixás, as divinas qualidades de Deus que amparam e sustentam a evolução dos planos evolutivos e dos seres que neles evoluem.

Saravá aos amados Pais e Mães, Senhores e Senhoras regentes da evolução.

Axé